



## Mocambo: A comunidade, a escola e os desafios da educação do campo.

### *Mocambo: la comunidad, la escuela y los desafíos de la educación campesina.*

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v1i1.976>

Huarley Mateus do Vale Monteiro - Universidade Estadual de Roraima/UERR <https://orcid.org/0000-0002-1181-5227>

Thyelly Castro e Silva - Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/PA <https://orcid.org/0000-0002-5387-1518>

**RESUMO:** O objetivo deste texto é o de apresentar um relato de experiência sobre as representações dos saberes tradicionais em escolas do campo. A atividade vincula-se ao projeto de pesquisa Saberes Quilombolas no Litoral Paraense, vinculado ao TEPUY: grupo de estudos e pesquisas sobre fronteiras e narrativas de resistência em sociedades amazônicas (UERR) e foi desenvolvido no ano de 2019 na comunidade rural Mocambo, Bragança/PA. O aporte metodológico funda-se na etnografia. O referencial teórico atende aos elementos interdisciplinares, com autores como: Arroyo (2009), Freire (1989, 1996), Molina (2011) e Caldart (2004) entre outros e outras. A dinâmica das observações nos faz concluir que a educação do campo, precisamente as salas multisseriadas, atuam enquanto territórios de acolhimento e socialização; bem como, fortalecem a permanência da identidade de luta camponesa.

**Palavras-chave:** Mocambo; Educação do Campo; Narrativa; Resistência.

**RESUMEN:** El objetivo de este texto es presentar un informe de experiencia sobre las representaciones del conocimiento tradicional en las escuelas rurales. La actividad está vinculada al proyecto de investigación Saberes Quilombolas no Litoral Paraense, vinculado a TEPUY: grupo de estudios e investigaciones sobre fronteras y narrativas de resistencia em sociedades amazônicas (UERR) y fue desarrollado em 2019 en la comunidade rural Mocambo, Bragança/PA. El aporte metodológico se basa em la etnografia. El marco teórico reúne elementos interdisciplinários, com autores como: Arroyo (2009), Freire (1989, 1996), Molina (2011), Caldart (2004) entre otros y otras. La dinámica de las observaciones nos lleva a concluir que la educación rural, precisamente las aulas multigrado, actúan como territórios acogedores y socializadores; así como, fortalecen la permanencia de la identidad de la lucha campesina.

**Palabras llave:** Mocambo; Educación campesina; Narrativa; Resistencia.

## **Introdução**

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra.*  
*(Paulo Freire, 1989)*

É fato que a educação do campo transgride o entendimento de ensino escolar, tradicionalmente aceito pela sociedade urbanizada. Dessa maneira, a escolarização camponesa ganha redimensionamento que transgride o sentido convencional de educação, posto que se vincula aos saberes e vivências do educando, com vista a um novo significado nas atividades pedagógicas do cotidiano escolar.

O fragmento que abre este texto aponta para o entendimento de leitura para além daquilo que está grafado. Por este ângulo, os saberes repassados de geração a geração antecedem o domínio da escrita o que nos leva a entender que a escola do campo é transgressora ao entendimento rançoso e tradicionalista de educação escolar.

A essa forma tradicional de educação, de certa maneira excludente, em que o professor é considerado como o único protagonista do conhecimento, cujo método prima apenas pela transmissão do que é dado tecnicamente de maneira unilateral e que o educando figura apenas enquanto receptor do que lhe é ofertado, nega a interlocução significativa e exclui as vivências do educando.

Devemos desconfiar quando a vivência do educando raríssimas vezes é posta à frente, enquanto referencial a contribuir para formação e merecedora de espaço nas socializações pedagógicas. A esta forma pedagógica violenta, Paulo Freire chamou de bancária (1996), pois que condiciona o aluno apenas a aceitar de forma passiva aquilo que lhe é posto. A saber que, a educação bancária supervaloriza a vida urbanizada posto que até mesmo seus materiais didáticos apresentam exemplos de atividades em que a vida na cidade se sobrepõe ao cotidiano camponês.

É nesse sentido que este trabalho ganha sustentação posto que entendemos que a educação está, também, para além do confinamento escolar. O caso a ser compartilhado é de uma comunidade rural no município de Bragança/PA e replica muitas outras situações que envolvem a dinâmica escolar do campo, cujos desafios se multiplicam e configuram este espaço educacional enquanto um território transgressor e provocativo às formas de poder instituídas pelo estado.

## **Um pouco da história, dos desafios e das formas de resistência**

Um número significativo de pesquisas desenvolvidas na Amazônia tem se dedicado à presença do negro na região. Os dados gerados a partir dessas investigações tem buscado apoio em diferentes linhas de atuação, uma delas se fortalece quanto aos saberes tradicionais visto que eles atuam como forma de atualização da identidade negada por séculos. Fazer dessa forma de prática cultural um elemento presente nos espaços de escolarização tem sido uma das formas mais significativas da Educação do Campo.

É fato que a luta por uma educação voltada para o cotidiano camponês ganhou força nas pautas reivindicatórias dos movimentos sociais do campo na década de 1970. A partir de então, a educação do campo passou a fazer parte das políticas públicas direcionadas às comunidades camponesas. Todavia, ao longo dos anos a Educação do Campo passou a figurar nas estatísticas educacionais, contudo isso não lhe possibilitou livre acesso a usufruir de políticas públicas efetivamente justas.

O profissional que atua nesta categoria educacional lida, não apenas com uma proposta diferenciada, mas atua de forma a se perceber sujeito de sua própria história social, em que pese a atuação profissional vinculada à luta camponesa. Quanto a esta questão Caldart (2004) afirma que o primeiro desafio é demarcar o que é educação do campo, e diz que:

Educação do campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. A proposta é pensar a educação do campo como um processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações (CALDART, 2004, p.13).

A atuação profissional de uma educação vinculada ao cotidiano dos sujeitos camponeses possibilita leituras sobre suas práticas culturais, em que o sujeito seja o protagonista de sua própria história. Dessa forma, o vínculo a essa atividade requer dos profissionais atuações efetivas no espaço campesino sendo conhecedor das particularidades existentes nas comunidades.

Quanto a isto, Molina afirma que:

O perfil de educador do campo exige uma compressão ampliada de seu papel. É fundamental formar educadores das próprias comunidades rurais, que não só as conheçam e valorizem, mas principalmente que sejam capazes de compreender os processos de reprodução social dos sujeitos, do campo e que seus processos de luta e resistência para permanência na terra (MOLINA, 2011, p.28).

O fragmento supracitado reafirma a relevância de formar profissionais da educação que possam, não apenas aderir à proposta, mas que vivenciem as relações cotidianas das comunidades camponesas em que estão inseridos. Dessa forma, os saberes tradicionais potencializam-se e são ressignificados nas práticas de ensino.

Vale lembrar que as Escolas do Campo e os profissionais envolvidos em suas atividades pedagógicas, além das adversidades inerentes ao cotidiano escolar, convivem com a forma preconceituosa que relega tais espaços e profissionais à segundo plano. Isto nos remonta não apenas à questões administrativas das gestões das secretarias de educação, mais replicam a própria história social do movimento camponês, cuja atuação é historicamente combatida e recriminada por diferentes formas de poder constituídos. Neste caso, a Escola do Campo é o retrato do processo de exclusão pelo qual passam os moradores do campo.

Como resultado desse processo de exclusão que relegam os jovens estudantes a enfrentarem jornadas diárias de atividades rurais e agregarem a isto o esforço de continuar a estudar são as inúmeras salas de aula multiserriadas que atendem jovens camponeses.

Vale ressaltar que “As classes multisseriadas são turmas constituídas por alunos de várias séries sob a responsabilidade de um único professor” (MOURA 2012, p.268). Elas representam o esforço de educadores para fazerem com que o jovem educando não abandone a escola; bem como, permaneça nas proximidades e/ou na comunidade onde vive. São as salas multisseriadas os espaços de acolhimento e identidades da educação do Campo, posto que replicam a forma como o sujeito, que ocupa esse espaço, é tratado socialmente:

As escolas multisseriada possuem um papel de pertencimento e existência da educação no local, nas suas vilas e comunidades, haja vista que a preferencia seja que as crianças e adolescentes estudem na escola que seja da e na comunidade (CRISTO, 2005, p. 144).

Se as salas multisseriadas recebem a tarefa de agregar sujeitos com distorção de idade/série em um mesmo espaço, cabe ao educador que está à frente desta sala a tarefa de atuar com vista a evitar a evasão escolar. Contudo, o termo “múlti” caracteriza bem o papel do sujeito educador: pai, trabalhador/a rural, pescador/a, esposo/a, missionário/a da comunidade, líder comunitário e/ou presidente do time de futebol e professor/a.

Cabe evidenciar que as salas multisseriadas são, também, espaços de possibilidades e afirmações para a Educação do Campo. O fato de estarem em uma mesma sala crianças de idades diferentes não inviabiliza o aprendizado, posto que além da sociabilidade há o compartilhar de vivências e saberes mediados por profissionais inseridos em seu cotidiano estabelecendo de relações significativas na prática pedagógica.

Nessa dinâmica, o educador torna-se mediador, exercitando a criticidade, a criatividade e o valor humano nas relações estabelecidas, recusando veementemente a desesperança. Quanto a esta forma de atuação do educador da Educação do Campo, Paulo Freire nos diz que:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à injustiça, não é possível a prática pedagógica–progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE 1996, p. 136)

Romper com a desesperança, evidenciada por Freire como “persistência na luta, recusa aos fatalismos” fortalece práticas resistentes às formas opressoras que se naturalizam no conhecimento técnico como o único a ser aceito. A educação do Campo é a forma provocativa, contrária às desesperanças que cerceiam sonhos e utopias; que impedem aos menos favorecidos, acesso à escolarização de forma justa e humana.

Neste caso, somos condescendentes ao pensamento reflexivo paulofreireano quando afirma que “saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.52), pois são nas “possibilidades” criativas que a Educação do Campo atua como forma de resistência.

Seguindo a linha de entendimento paulofreireana verificamos que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, na seção IV, no art.36, enfatiza aspectos do vivido e seu vínculo com as práticas educativas desenvolvidas na Escola do Campo. Vejamos:

A identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. (LDB 1996, p. 121)

E, não menos relevante, é o dispositivo que reformula a proposta curricular tendo por incidência a diversidade e a flexibilidade, o que já era praticado pela escola camponesa a tempos. Em certa medida a Base Nacional Comum Curricular, Brasil (2018), aponta para um modelo de currículo diversificado e flexível, precisamente no Art. 36, estabelece que:

“O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

I – linguagens e suas tecnologias;

II – matemática e suas tecnologias;

III – ciências da natureza e suas tecnologias;

IV – ciências humanas e sociais aplicadas;

V – formação técnica e profissional.” (BRASIL 2018, p.467)

Ainda que o documento seja uma forma de atuação de poder do estado através da educação, cujo vínculo se alonga através do princípio das tecnologias, que querendo ou não, atendem à demanda do capital que movimenta o sistema capitalista, é válido enfatizar que esse mesmo estado deve garantir o contraditório ainda atue de maneira a provocar justamente sua forma de atuação.

Com base nessa reformulação curricular pela qual a própria educação camponesa está, supostamente, passando, até porque a “oferta de diferentes arranjos” já é matéria da ação educativa nas escolas do campo desde sua raiz, pois pensamos em tecnologias aplicadas à educação entendemos que estas estão efetivamente vinculadas às relações cotidianas escolares e comunitárias. Até porque é importante pensar o que se entende por tecnologia e qual o seu significado para os camponeses?

## **Observações sobre a Comunidade Mocambo**

O que passaremos a discorrer nesta sessão corresponde às observações desenvolvidas ao longo do ano de 2019 na comunidade Mocambo, Bragança/PA e compõe o projeto *Saberes Quilombolas no Litoral Paraense*, vinculado ao TEPUY: grupo de estudos e pesquisas sobre fronteiras e narrativas de resistência em sociedades amazônicas (UERR). O objetivo deste relato se fortalece na perspectiva de compartilhar experiências vivenciadas na referida comunidade tendo por base cartografar saberes, brincadeiras, causos, relatos se materializam nas atividades educacionais das Escolas do Campo.

Nessa perspectiva, as conversas com moradores da comunidade do Mocambo nos levam a observar que, segundo eles, a história do lugar aproxima-se de cem anos e está vinculada aos constantes conflitos entre negros refugiados e indígenas tupinambá da região do caeté. Por sua vez, o vocábulo Mocambo é também descrito por eles como “esconderijo dos negros” o que se aproxima da definição ao associá-lo a um território de esconder-se.

Segundo o dicionário Soares Amora da Língua Portuguesa (1999), Mocambo é: “s.m. Choça, ou agrupamento de choça na floresta, onde se refugiavam escravos: quilombos.” (AMORA 1999, p. 451). Por sua vez é sabido que o termo se origina da cultura africana.

A comunidade Mocambo, apesar do nome dela fazer alusão à quilombo, os moradores não se autodeclaram quilombolas, é localizada na área rural da cidade de Bragança/PA, a cerca de setenta quilômetros. Quando de nossas visitas, 32 famílias que residam naquela comunidade e viviam exclusivamente da agricultura de subsistência, cujo principal produto são os derivados da mandioca.

As casas são abastecidas por um sistema de água fornecido e instalado em 2018 pela FUNASA, porém os moradores ainda faziam uso das tradicionais cacimbas para o consumo de água. As moradias, apesar de já existirem algumas construídas em alvenaria, mas ainda existem habitações feitas de pau-a-pique e fazem uso da energia elétrica.

Os jovens se conectam com o mundo globalizado através de celulares e alimentam suas redes sociais com imagens do cotidiano comunitário. Apesar do nome da comunidade etnologicamente vincular-se à identidade quilombola, não houve relatos e/ou registros de autoidentificação como comunidade remanescente de Quilombo.

A escola da comunidade recebe alunos até os anos iniciais do ensino fundamental (EMEF Prof.<sup>a</sup> Antônia das Chagas) e, conforme o que nos foi relatado, a escola recebeu esse nome em respeito à pessoa que cedeu o espaço para que funcionasse a primeira turma de alunos a receberem educação escolarizada na comunidade. Atualmente a escola atende crianças de 1º ao 5º ano, reafirmando uma das características da Educação do Campo, o atendimento aos educandos em sistema de salas multisseriadas.

O ano de 1969 é datado como a referência para o início das atividades educacionais na comunidade. As aulas funcionavam em um barracão ao lado da casa de dona Antônia das Chagas. Ela foi a primeira professora da comunidade e após seu falecimento a escola passou a funcionar, até os dias atuais, ao lado de onde se localiza a igreja evangélica Assembléia de Deus. Ressaltamos que até o momento de nossas observações esta era a única igreja construída na comunidade, mas isso não significa que todos ali sejam assembléianos.

Em relação à prática pedagógica desenvolvida pela escola, em conversa com a professora nos foi argumentado que a escola desenvolvia suas atividades através da pedagogia de projetos, gerando estratégias e temáticas com questões e problemas que estivessem ocorrendo na comunidade. Com essa estratégia, a professora procurava instigar os educandos a problematizarem a partir de sua realidade imediata, o que fortalecia suas raízes culturais. Na época as atividades estavam sendo direcionadas a partir do tema gerador “a mandioca e seus derivados na comunidade do mocambo”.

As observações feitas ao longo de nossas idas àquela comunidade nos fazem ressaltar que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola se alinham aos saberes tradicionais, vinculando narrativas sobre formas de cultivo das hortaliças e frutas, o valor medicinal das plantas, o trato com os idosos e suas histórias, a maneira de lidar com o tempo natural da vida em comunidade.

É válido retornarmos a Paulo Freire com relação às práticas desenvolvidas nas escolas do campo, relativo aos saberes presentes no cotidiano das comunidades:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE 1996, p. 33)

Partindo do que nos orienta Paulo Freire é possível verificarmos que os diferentes dispositivos adotados ao longo de nossa história recente da educação brasileira vêm atentando para as experiências da vida cotidiana dos educandos. É fato que a escolarização é uma forma de controle, porém entendemos que seja justamente a partir da apropriação desse espaço que podemos exercer a forma contrária e reflexiva aos ditames do capitalismo.

É justamente com atitudes que possibilitem ao sujeito educando questionar suas relações sociais, refletindo que mesmo a escola sendo a representação de poder constituído, ela pode, sim, ser espaço de transformação política e pedagógica. E, neste caso, as salas multisseriadas também podem ser vistas como forte aliadas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos sujeitos.

Pensando por este viés de entendimento, podemos reafirmar nossas observações feitas na comunidade do Mocambo, seguindo o que nos recomenda Arroyo (2009):

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação de conhecimento e cultura, valores e identidade das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (ARROYO 2009, p. 14).

Que assim seja!

## **Algumas considerações**

Ao longo de nossas observações na comunidade Mocambo pudemos apontar diferentes elementos que contribuem significativamente para afirmarmos que as práticas educativas desenvolvidas na EMEF Prof.<sup>a</sup> Antônia das chagas abordam os aspectos do vivido nas relações cotidianas dos sujeitos educandos.

É válido ressaltar que o Artigo 35 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

(1996), enfatiza que os conteúdos curriculares a serem adotados na educação do campo seguirão o direcionamento da interrelação entre os diferentes saberes, além de considerar como indispensável a atenção às fases de aprendizagem dos sujeitos em fase de escolarização. Isto é retomado pela BNCC (2017) quanto à flexibilidade das práticas educativas voltadas para as relações cotidianas do educando. Em ambos os dispositivos podemos inferir que os saberes tradicionais potencializam as práticas pedagógicas das escolas camponesas.

Concernente a isto, é possível afirmarmos que as salas multisseriadas atuam como espaços de socialização, afeto e companheirismo entre os sujeitos envolvidos no processo, há de ser destacado o papel do mediador dos conhecimentos trazidos pelos educandos e compartilhados com os colegas de turma, o que faz do profissional que está conduzindo as atividades, alguém cujo vínculo comunitário é fundamental para o êxito das atividades.

Ressaltamos que mesmo que a comunidade Mocambo não se autodeclare remanescente de quilombo é visível que as práticas tradicionais são fortemente representadas nas relações cotidianas. E a escola presente na comunidade atua enquanto território de saberes, contribuindo para o fortalecimento da identidade camponesa.

## **Referências bibliográficas**

- AMORA, Soares. Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018
- CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. Educação rural Ribeirinha Marajoara: Desafios no contexto das escolas multisseriada. In: Educação do campo na Amazônia. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. -(Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo. Editora Cortez, 1989 (Coleção Primeiros Passos, 4)
- LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996.
- MOLINA, Monica Castagna. Avanços e desafios na construção da educação do campo. In: Em aberto. Vol. 24, n. 85. Brasília. Abril de 2011.
- MOURA, Terciana Vidal. A Pedagogia das classes multisseriadas: Um olhar sobre a prática pedagógica dos(as) professores(as) da roça do município de Amargosa\ Ba. In: Educação e Ruralidade. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzalez, CALDARTE, Roseli Salete, MOLINA, Mônica Castagna (organizadores). Por uma educação do campo. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.